



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**BIANCA OLIVEIRA RIBEIRO NASCIMENTO**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL E O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR**

PICOS – PI

2017

**BIANCA OLIVEIRA RIBEIRO NASCIMENTO**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL E O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros como requisito para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Gomes Monteiro

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**N244v** Nascimento, Bianca Oliveira Ribeiro

Violência doméstica infantil e o papel social do professor /  
Bianca Oliveira Ribeiro Nascimento– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (37 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em  
Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.

Orientador(A): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Gomes Monteiro.

1. Violência Doméstica Infantil. 2.Professor.  
3.Aprendizagem.

**CDD 371.192**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e dois (22) dias do mês de fevereiro de 2017, no Auditório Severo Eulálio, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **Bianca Oliveira Ribeiro Nascimento** sob o título “Violência doméstica infantil e o papel social do professor”.

Banca constituída pelos (as) professores (as):

Prof.ª Dr.ª Renata Gomes Monteiro	Orientadora
Prof.ª Dr.ª Maria das Dôres Sousa	Examinadora
Prof. Me. Jaaziel de Carvalho Costa	Examinador

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de \_\_\_\_\_.

Picos (PI) 22 de fevereiro de 2017.

Orientadora: Renata Gomes Monteiro

Examinadora: Jaaziel de Carvalho Costa

Examinador: Maria das Dôres de Sousa

Dedicado a minha mãezinha Maria de Lourdes,  
pois se não fosse por sua garra, determinação, e  
apoio nos momentos mais difíceis não teria  
chegado até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** por ter me dado a vida e permitido que chegasse até aqui com saúde!

A minha **família**, em especial minha **mãe** Maria de Lourdes o bem mais precioso na minha vida, exemplo de mulher batalhadora que sempre fez o possível e impossível por mim e meus irmãos, me incentivando a estudar e que com seu exemplo de dedicação me tornou a mulher que sou hoje. Obrigado por tudo mãe, te amo!

Ao meu **futuro marido** Lenilson, que sempre esteve ao meu lado durante toda essa caminhada, me apoiando em tudo.

Aos meus **amigos** que tornaram esses anos na universidade os melhores possíveis, em especial Virlândia Macêdo e Erinilson Alves que estiveram sempre comigo no decorrer desses cinco anos.

A minha **orientadora**, professora Renata Gomes Monteiro, em todos os nossos encontros sempre meiga e positiva.

E por fim, aos **professores** que tive no decorrer do curso e que me ajudaram nessa construção de conhecimentos.

**OBRIGADO A TODOS!**

## RESUMO

No trabalho buscou-se mostrar a forma como o educador atua perante casos de crianças que sofrem violência doméstica, incluindo também os vários tipos de violência doméstica e seus impactos no desenvolvimento e aprendizagem infantil, servindo de guia para que futuros professores possam lidar de maneira social e legal mediante esses casos. O estudo teve como objetivo geral analisar como o educador atua no ambiente escolar diante de casos de violência doméstica ocorrida contra crianças. Como objetivos específicos, pretendeu-se compreender qual a concepção que os professores têm a respeito de violência doméstica, verificar como essa violência pode afetar a aprendizagem das crianças e descrever estratégias pedagógicas e sociais acionadas pelos docentes para lidar com casos de violência doméstica. A pesquisa foi realizada na escola municipal Centro Educacional Maria Gil de Medeiros e teve como aporte teórico principalmente os estudos embasados em Viviane Nogueira Guerra (1998), Maria Amélia Azevedo (2001) e contribuindo para o enriquecimento e construção desse trabalho os estudos de Paulo Freire (1996) e Minayo (2001). Os resultados obtidos dessa pesquisa mostram que a violência doméstica é algo real e faz parte do cotidiano de muitas crianças, além disso, é sabido que o professor procurar ajuda para esse educando não é somente uma questão de obrigação pelo fato de constar nos artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas também um exercício de cidadania.

**Palavras – chave:** Violência Doméstica Infantil. Professor. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This study aimed to show how the educator acts in cases of children suffering domestic violence, including also the various types of domestic violence and their impact on children's development and learning, serving as a guide for future teachers to deal socially And legal through such cases. The study had as general objective to analyze how the educator works in the school environment in cases of domestic violence against children. As specific objectives, it was intended to understand the teachers' conception of domestic violence, to verify how this violence can affect children's learning, and to describe pedagogical and social strategies used by teachers to deal with cases of domestic violence. The research was carried out in the municipal school Maria Gil de Medeiros Educational Center and had as theoretical contribution mainly the studies based on Viviane Nogueira Guerra (1998), Maria Amélia Azevedo (2001) and contributing to the enrichment and construction of this work the studies of Paulo Freire (1996) e Minayo (2001). The results obtained from this research show that domestic violence is something real and is part of the daily life of many children, besides, it is known that the teacher seeking help for this student is not only a matter of obligation because it appears in the articles of the Statute The Child and Adolescent (ECA), but also an exercise in citizenship.

**Keywords:** Child Domestic Violence. Teacher. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇA.....</b>	<b>13</b>
2.1 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM INFANTIL .....	16
2.2 AÇÕES DOCENTES DIANTE DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL.....	18
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO A PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS .....</b>	<b>24</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>6. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE DO QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente vemos na mídia casos de crianças que sofrem algum tipo de abuso ou maus tratos por parte de pessoas próximas a elas que podem ser desde babás ou até mesmo a própria família. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1991) atribui à escola a função de zelar pela proteção de crianças e adolescentes, esperando-se que ela seja uma expressiva fonte de denúncias.

O professor tem um papel fundamental na identificação de sinais que possa estar ocorrendo violência doméstica, sempre atento ao modo de agir da criança. Muitas vezes a vítima desse tipo de violência pode ter marcas de agressão física e também marcas psicológicas expressas em forma de atitudes agressivas ou até mesmo de passividade e apatia.

Partindo desse pressuposto, este trabalho desenvolveu-se com base no seguinte questionamento: como o professor pode intervir em sala de aula diante de crianças que sofrem violência doméstica? Tal estudo é relevante por se tratar de uma experiência presenciada por mim enquanto estudante do curso de pedagogia e durante o tempo que estagiei numa escola municipal em Picos. Nesse período, pude perceber que minha formação inicial não me oferecia um suporte em relação a como lidar com situações encontradas na escola envolvendo crianças que sofrem de violência doméstica.

Com isso, será possível ajudar outros acadêmicos que como futuros educadores possam lidar com esse tipo de problema tendo a consciência de que a intervenção é algo muito importante para se refletir e discutir, pois isso não envolve apenas o seu posicionamento ético, mas também social.

A violência doméstica contra a criança e o adolescente é um sério problema em nosso país, igualmente observável em todas as sociedades, e que merece a atenção prioritária do Poder Público para seu combate, por intermédio da proteção à vítima, responsabilização do agressor e sua recuperação. (ANDRADE, 2003, p. 22)

O trabalho, então, teve como objetivo geral analisar como o educador atua no ambiente escolar diante de casos de violência doméstica ocorrida contra crianças. Como objetivos específicos, pretendeu-se compreender qual a concepção que os professores têm a respeito de violência doméstica, verificar como essa violência pode afetar a aprendizagem das crianças e descrever estratégias pedagógicas e sociais acionadas pelos docentes para lidar com casos de violência doméstica.

Segundo os estudos de Cavalcanti (2008), a violência não é um fenômeno recente na sociedade brasileira, pois está presente em seu processo histórico desde a colonização, desde a antiguidade clássica (greco-romana) até nossos dias atuais. Como, por exemplo, as tribos indígenas, vítimas iniciais desse processo, que foram escravizadas ou exterminadas pelas guerras empreendidas pelos portugueses, logo em seguida, a população negra que também foi alvo de violência, os castigos físicos, que durante muito tempo, eram infligidos para as crianças e negros e a violência praticada contra mulher, que era considerada como natural nas relações familiares como sinal de poder para o homem.

Ainda de acordo com a autora, a partir da expansão da mídia, a violência doméstica antes escondida e voltada apenas para as mulheres passa a ter uma maior proporção mostrando que essa realidade também ocorre com crianças

No início do século XXI, tinha-se a expectativa de que a sociedade estaria tão evoluída a ponto de conviver em paz e harmonia, porém, a mídia mostra totalmente o inverso, continuando a denunciar o aumento sem precedentes de várias formas de violência, seja pela prática de crimes, como assassinatos, seqüestros, roubos, estupros, ocorridos nos mais variados lugares brasileiros— é a chamada violência urbana, que vitimiza milhares de pessoas em todo o mundo. (CAVALCANTI, 2008, p. 27-28)

Com base nos estudos de Pires; Miyazaki (2005), a preocupação com o abuso infantil se deu nos Estados Unidos, em 1874 com o caso de Mary Ellen Wilson

Mary Ellen Wilson que foi abandonada pela mãe. Com a morte do pai, ficou sobre os cuidados da madrasta e seu marido, que a maltratavam fisicamente e a negligenciavam. Na época não havia nenhuma entidade que defendessem os direitos das crianças, por isso Mary Ellen foi amparada pela Sociedade Norte Americana para Prevenir a Crueldade contra os Animais, com base na idéia de que a criança fazia parte do reino animal. (PIRES; MIYAZAKI, 2005, p. 43)

A partir do século XIX, o primeiro trabalho sobre violência contra crianças, foi escrito pelo francês Prof. Ambroise Tardieu, legista parisiense, em 1860, sendo o pioneiro na utilização do termo “Criança Espancada”, mas não teve tanta repercussão. Em 1946, nos Estados Unidos, um médico conhecido como JonhCaffey, pediatra e radiologista, publicou observações de seis crianças com hematoma subdural<sup>1</sup>, alterações radiológicas, dois tipos de lesões sem relação clinica ou patológica.

---

<sup>1</sup>O hematoma subdural é a acumulação de sangue entre o encéfalo e o crânio. Geralmente são causados por traumas na cabeça. O sangue irá se acumular entre as camadas de tecido que envolvem o cérebro, podendo levar a morte.

O grande avanço em relação à violência contra crianças ocorreu a partir de 1961, nos EUA, quando Henry Kempe descreveu a “Síndrome da Criança Espancada”, baseada em evidências radiológicas sendo reconhecida pela Academia Americana de Pediatria. Para ele, o diagnóstico dos estudos realizados nas crianças entrava em discordância com as explicações dadas pelos pais.

Após os anos 60, no Brasil, a área da saúde, principalmente a Pediatria, passou a preocupar-se com a violência contra crianças e adolescentes, como um problema de saúde. O primeiro caso de uma criança que sofreu espancamento foi descrito por um dos professores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Em 1975, Dr. Armando Amoedo, radiologista pediátrico, descreveu mais cinco casos.

De acordo com um estudo realizado pelo Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (CRAMI – Rio Preto), a violência doméstica passou a ser discutida, no meio científico a partir dos anos 80, com a participação de alguns pesquisadores como Santos (1987), Marques (1986), Minayo (1993), Saffioti (1997). Mas as que tiveram um maior destaque foram os estudos de Azevedo e Guerra (1988-1995).

Ainda nessa década, começam a surgir os primeiros programas específicos para atendimento dessa problemática, previsto no artigo 87, inciso III, lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), sancionada em 13 de julho 1990, passando a vigorar no Brasil em 14 de outubro do mesmo ano e também o Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância – São José do Rio Preto implantado em outubro de 1988, conforme modelo do CRAMI – Campinas, criado em 1985.

Resultados de pesquisas realizadas pelo CRAMI (Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância) no ano de 2000 foram impulsionadoras para criação e promulgação da lei 10.498<sup>2</sup>, de 5 de janeiro de 2000 pelo governador do Estado de São Paulo. Tal lei dispõe sobre a obrigatoriedade da notificação dos casos em que haja suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança e adolescente para os estabelecimentos de Educação, Saúde e Segurança Pública.

---

<sup>2</sup>A notificação compulsória de maus-tratos é obrigatória nos casos que envolvam crianças e adolescentes até 18 (dezoito) anos incompletos e portadores de deficiência. A notificação (formato de ficha) será emitida pelos órgãos públicos das áreas de saúde, educação e segurança pública; pelo médico, professor, responsável pelo estabelecimento de saúde, de ensino fundamental, pré-escola ou creche e delegacia de polícia. A notificação será encaminhada através dos responsáveis pelas unidades de educação, saúde e segurança pública ao Conselho Tutelar ou, na falta deste, à Vara da Infância e Juventude ou ao Ministério Público.

Nos capítulos seguintes serão abordados alguns tipos de violência doméstica, bem como as conseqüências dessa violência no processo de aprendizagem da criança e como os docentes podem agir diante desses casos e a importância de estar alerta e preparado para identificar crianças que sofrem violência em casa.

## 2 TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇA

A violência pode ocorrer de várias formas, não distingue raça, classe social e pode trazer graves prejuízos na vida de pessoas que passam por esse problema. Na infância, geralmente isso ocorre por parte de pessoas próximas a essas crianças vindas até mesmo por parte daqueles que possuem laços parentais.

A Secretária da Saúde do Estado de São Paulo (2007), baseado nos estudos de Guerra; Azevedo (2001) cita a violência doméstica como sendo a mais comum, que pode manifestar-se por maus-tratos, que vão desde negligência até formas mais intensas de abuso físico e exploração sexual. Sabe-se, entretanto, que casos graves de violência domiciliar, que deixam seqüelas ou provocam a morte são, em sua maioria, resultado de agressões rotineiras, com várias ocorrências e relatos de atendimentos anteriores em serviços de emergência. A violência doméstica ocorre no cotidiano familiar, podendo ser provocada por indivíduos com função parental ou até mesmo pessoas que convivem no ambiente doméstico.

São classificadas algumas formas de violência doméstica:

a) Violência Física: definida como uso da força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas, com o objetivo de ferir, provocar dano ou levar a criança ou o adolescente à morte, deixando ou não marcas evidentes.

b) Violência Sexual: é todo ato ou jogo sexual, hétero ou homossexual, cujo agressor está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que o da criança ou adolescente. Tem como intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual.

c) Violência Psicológica: caracteriza-se por toda forma de submissão da criança ou adolescente aos pais ou responsáveis por meio de agressões verbais, humilhação, desqualificação, discriminação, depreciação, culpabilização, responsabilização excessiva, indiferença ou rejeição. É considerada também violência psicológica a utilização da criança ou adolescente para atender às necessidades psíquicas dos adultos.

d) Negligência: é o ato de omissão do responsável pela criança ou adolescente em prover as necessidades básicas para o seu desenvolvimento físico, emocional e social. O abandono é considerado como a forma extrema de negligência. Pode caracterizar-se pela omissão de cuidados básicos como a privação de medicamentos, falta de atendimento aos cuidados necessários com a saúde, descuido com a higiene, ausência de proteção contra as

condições adversas do meio ambiente (como frio ou calor), não provimento de estímulos e de condições para a frequência à escola.

e) Síndrome de Münchhausen<sup>3</sup> por Transferência: pode ser definida como a situação na qual a criança ou adolescente é trazido para receber cuidados médicos devido a sintomas e/ou sinais inventados ou provocados por seus pais ou responsáveis. Essa prática impõe sofrimentos físicos ao paciente, como a exigência de exames complementares desnecessários, o uso de medicamentos ou ingestão forçada de substâncias, além de provocar danos psicológicos pelas multiplicações de consultas e internações sem motivo.

Para Minayo (2001), a violência doméstica, geralmente está dividida em quatro tipos de expressões mais visíveis, a violência física, sexual, psicológica e de negligência. Para a autora o lar é o local mais favorável a acontecer esses tipos de violência e segundo dados do IBGE, 80% dos casos, os agressores eram os próprios pais, parentes e conhecidos.

a) A violência física é o uso da força física contra a criança e o adolescente, causando-lhes desde uma leve dor, passando por danos e ferimentos de média gravidade até a tentativa ou execução do homicídio. Tendo como conseqüências lesões abdominais, fraturas de membros, mutilações, traumatismos cranianos, queimaduras, lesões oculares e auditivas, muitas delas levando a invalidez permanente, ou temporária, ou até a morte.

b) A violência sexual que se configura como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um adulto (ou mais) em uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimulá-los sexualmente e obter estímulo para si ou outrem.

c) A violência psicológica, também denominada tortura psicológica, que ocorre quando os adultos sistematicamente depreciam as crianças, bloqueiam seus esforços de auto-estima e realização, ou as ameaçam de abandono e crueldade, tendo um efeito muito perverso no desenvolvimento infanto-juvenil.

E por fim, as negligências, que representam uma omissão em relação às obrigações da família e da sociedade de proverem as necessidades físicas e emocionais de uma criança. Expressam-se na falta de alimentos, de vestimenta, de cuidados escolares e com a saúde, quando as falhas não são o resultado de circunstâncias fora do controle e alcance dos responsáveis pelos adolescentes e crianças.

---

<sup>3</sup>A **Síndrome de Münchhausen**, também chamada de transtorno factício, trata-se de uma desordem psiquiátrica, na qual os indivíduos acometidos simulam estar enfermos ou com algum trauma psicológico para conquistarem atenção e simpatia dos que os cercam. A síndrome de Münchhausen *by proxy* (por procuração, significando este termo “por meio de um substituto”) é produzida pela insistência intencional de um indivíduo próximo (geralmente a mãe) de produzir sintomas em um alguém (geralmente o filho), desejando que o mesmo seja considerado doente, ou até mesmo provocando ativamente a enfermidade, colocando-o em risco e numa situação que necessita de investigação e tratamento.

A violência doméstica é um fenômeno complexo em que suas causas são múltiplas e de difícil definição, suas conseqüências são devastadoras para as crianças e adolescentes, definidas como ações hostis: A violência doméstica contra crianças e adolescentes representam todo o ato ou omissão praticados por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e adolescentes que, sendo capaz de causar dano sexual e psicológico á vítima; implica de um lado uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e de outro uma coisificação da infância[...]. (GUERRA, 1998, p. 32)

Para Guerra (1998), esse tipo de violência “é uma coisificação do direito que as crianças e adolescentes tem de ser tratados como sujeitos e pessoas em condições peculiares de desenvolvimento”. O adulto tem por dever proteger a criança, mas o que vemos são casos de negligência, violando o direito constitucional da criança, havendo o abuso de poder, por tratar-se de seres indefesos, que vivem a mercê daqueles que deviam de fato protegê-las, prejudicando o seu desenvolvimento.

Ainda com base nos estudos de Guerra; Azevedo (2001), existem quatro tipos de violência doméstica:

a) Violência física: o uso da força bruta, que ocasiona a dor física, que pode ser de um tapa até um espancamento fatal. Esse tipo de violência tem como responsáveis os pais ou pessoas próximas a criança, para disciplinar a criança.

b) Violência sexual: é todo jogo ou ato sexual envolvendo o adulto (geralmente pais ou pessoas próximas) e a criança, que consiste na manipulação sexual. Esse tipo de violência é considerada uma das mais graves.

c) Violência psicológica: quando um adulto interfere de forma negativa na forma comportamental da criança, como forma de discipliná-la, muitas vezes ridicularizando-a, fazendo passar vexames, com palavrões, xingamentos, gritos em frente a outras pessoas (incluindo outras crianças), ocasionando traumas que podem ser desde autoconfiança até baixa auto - estima.

d) Negligência: omissão ou descuido por parte de pais ou responsáveis, no que diz respeito a prover suas necessidades tanto físicas quanto emocionais. Esse tipo de violência caracteriza-se por ambientes sujos, sem alimentação, sem uma rotina de higiene, onde a criança fica exposta a desnutrição, dentre outras doenças. Sendo deixadas sozinhas, ocorrendo em muitos casos acidentes graves e até mesmo morte.

Com base na análise dos estudos da Secretária da Saúde do Estado de São Paulo Minayo, Azevedo e Guerra, pode-se perceber que os conceitos de violência doméstica elaborados pelos autores são baseados nos estudos de Azevedo e Guerra, mas a Secretária da Saúde do Estado de São Paulo apresentou os tipos de violência doméstica de forma mais

completa quando revelou mais um tipo de violência doméstica, a “Síndrome de Münchausen por Transferência”, mostrando assim que conforme forem se realizando mais estudos podem aparecer outros tipos de violência doméstica realizadas contra crianças.

## 2.1 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM INFANTIL

A vivência em sociedade pode acarretar violências, e, independentemente de que forma ocorra pode ocasionar diversos transtornos, atrapalhando também no desenvolvimento escolar das crianças, fazendo com que elas tenham dificuldades de se relacionar com outras pessoas, desenvolvendo uma espécie de trauma e até mesmo desgosto pela própria vida. De acordo com Lopes; Torman (2008, p.135)

Uma criança submetida a um adulto perverso terá dificuldades de se relacionar com a própria sexualidade, com os limites da sociedade e com a discriminação de si e do outro, elementos estes importantes para a convivência social e para a aprendizagem de maneira geral.

Para entender como a violência doméstica interfere nesse processo é preciso compreender o que é aprendizagem. José; Coelho (2006) nos falam que aprendizagem envolve o processo de desenvolvimento “intelectual, psicomotor, físico, social – mas é do fator emocional que depende grande parte da educação”. Visto se tratar de um problema físico e emocional, a criança que passa por violência irá internalizar a forma como é tratada e com isso, provavelmente, haverá um bloqueio na sua capacidade de aprender.

São muitos os estudos que destacam o meio como influenciador do desenvolvimento da aprendizagem infantil. Dentre eles, destacam-se os estudos de Le Vygotski (1984) e Henry Wallon (1995).

De acordo com Vygotski (1984), “o meio cultural e as relações sociais do indivíduo definem o curso do desenvolvimento da pessoa humana”. Ou seja, não se pode separar a relação que há entre o desenvolvimento humano e ambiente, crianças que estão inseridas em ambientes onde acontecem práticas violentas, tem o desenvolvimento prejudicado.

O indivíduo irá levar para a escola as emoções desse ambiente e relacionamento, que podem tanto facilitar quanto bloquear o seu desenvolvimento. Sendo assim, crianças que vivem em ambientes nada harmônicos, levará para a escola situações emocionais que

correspondem ao que ela vivencia em casa. Essas emoções serão responsáveis pela dificuldade em atividades sociais e na sua aprendizagem.

Desta forma o aprendizado dessa criança pode ser atrapalhado por uma série de fatores como: medo de se relacionar com outras pessoas, falta de comunicação, falta de concentração, insegurança, baixa auto-estima e desorganização. Em alguns casos se a criança não tiver acompanhamento pode até mesmo reproduzir as atitudes do adulto em outro contexto.

De acordo com Wallon (1995), o desenvolvimento da criança abrange vários campos funcionais, dentre eles a afetividade, motricidade e inteligência. Tudo isso faz parte do meio em que a criança está inserida, o espaço físico, as pessoas próximas, a linguagem, contribuindo de forma positiva ou negativa para o desenvolvimento infantil.

Para Mahoney; Almeida (2005, p. 26), “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem, e, portanto para o desenvolvimento [...] do aluno”. Sendo assim, a negação da afetividade faz com que a criança que sofre violência doméstica tenha a capacidade de aprendizagem prejudicada, deixando seqüelas no seu desempenho escolar e influenciando também no seu desenvolvimento.

Quando trata-se de afetividade a família é parte fundamental, pois o afeto é um dos componentes importantes para o desenvolvimento infantil. A participação dos pais no seu dia-a-dia facilitará no enfrentamento dos desafios do cotidiano e conseqüentemente no que diz respeito ao desempenho escolar. Ferreira; Marturano (2002, p.43) citam que:

Os recursos que diferenciam este grupo estão tipicamente presentes nas interações familiares envolvendo diretamente a criança, expressas nas oportunidades de convivência entre a criança e seus pais, no suporte para enfrentamento de problemas cotidianos e no envolvimento dos pais em atividades facilitadoras do desenvolvimento.

No que diz respeito ao desenvolvimento das atividades escolares, as crianças que sofrem violência doméstica podem apresentar problemas diversos como: “dificuldade para interpretar textos, falta de raciocínio lógico, dificuldade na escrita e na expressão oral, resolver problemas matemáticos, organização e coerência de idéias na elaboração de textos”. (LIMA, 2013-2014, p.4)

## 2.2 AÇÕES DOCENTES DIANTE DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA INFANTIL

A violência doméstica é um problema real e que faz parte do cotidiano de muitas pessoas. Nós enquanto estudantes e futuros formadores de opinião pudemos perceber no decorrer da nossa formação que a temática violência doméstica contra crianças não é discutido nas universidades. Com isso a violência torna-se algo banal e natural, pois na maioria das vezes os profissionais dos cursos ou da própria escola, preferem não se envolver.

Para tanto, faz-se necessário que a universidade ofereça uma formação mais eficiente e prática em termos legais, sociais e pedagógicos, para que se possa ser abordado o tema e também para que haja compreensão do assunto. Mas na realidade o que acontece é que professores chegam às escolas sem saber lidar com esse tipo questão e muitas vezes quando são abordados não sabem ao certo o que fazer nessas situações. Por isso, é importante que essa temática seja parte obrigatória dos currículos de formação acadêmica, para que os profissionais se capacitem para entender o problema e estejam aptos a ajudar as vítimas.

De acordo com estudos realizados pelo CRAMI (Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância), 90% dos casos de violência praticada contra crianças e adolescentes não são denunciados, muitas vezes pelo fato de os próprios membros da família ou pessoas conhecidas considerarem o caso como assunto de família, havendo assim a negligência. Com isso, crianças vão sofrendo mais e mais, e assim a violência chega a um ponto onde seus efeitos podem ser devastadores tanto fisicamente quanto psicologicamente, podendo até mesmo ocorrer suicídio por parte da vítima.

Azevedo; Guerra (2000) citam alguns tipos de comportamentos que ajudam o docente a ficar de alerta se a criança está sofrendo violência, como por exemplo

Desconfiança exagerada; medo e choro excessivo; mudanças abruptas e freqüentes de humor; comportamento agressivo; destrutivo ou passivo, submisso; problemas de relacionamento com os colegas; tentativas de suicídio, pesadelo, depressão, sono perturbado; mau desempenho escolar e dificuldades de aprendizagem não atribuídas a problemas físicos. (AZEVEDO E GUERRA, 2000, p.5)

Diante desse cenário, é importante o docente estar atento, ser cuidadoso e capacitado para perceber e também intervir nesses casos. Por isso é necessário que as escolas atuem na identificação, prevenção e acompanhamento dessas vítimas de violência doméstica.

O educador, visto como agente social de transformação tem um papel fundamental na identificação desses abusos, se tornando um elo entre família e sociedade. Sob o ponto de

vista legal, o ECA, Lei n. 8.069 (1990), artigo 245, atua dando suporte necessário para criança e adolescente

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: Pena – multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

Porém, ao fazer estudo de algumas literaturas e pesquisas é perceptível que alguns professores não conhecem ou fazem uso das leis oferecidas pelo ECA<sup>4</sup>, o que torna dificultoso o apoio a criança vitimizada. O estudo das leis do ECA é importante e necessário para o educador se orientar e saber a quem recorrer diante desses casos de crianças que sofrem violência, pois se analisarmos bem, depois da sua casa o educando passa maior tempo na escola.

Ainda segundo a Lei n. 8.069 (1990), artigo 56 do ECA, diz que

[...] dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de: I – maus-tratos envolvendo seus alunos; II – reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares; III – elevados níveis de repetência.

O professor deve estar atento se a criança sofre violência, pois “na maioria das vezes, a escola é a única instituição a que a criança espancada tem acesso fora da família que a maltrata” (Araujo; Ferreira; Pereira; Rangel, 2014, apud Debarbieux, 2001). O ECA, Lei n. 8.069 (1990), artigo 13, afirma

Os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais.

Portanto, ao se deparar, com qualquer tipo de suspeita ou confirmação de violência, o professor juntamente com a escola devem tomar medidas cabíveis comunicando ao Conselho Tutelar casos de violência doméstica contra os alunos.

É importante salientar que, nem todos os tipos de violência doméstica podem ser identificados visualmente pelo educador, como nos casos da violência psicológica e o “abuso sexual que são difíceis de ser identificados por não apresentar, na maioria dos casos, marcas físicas” (Brino; Williams, 2003).

---

<sup>4</sup>É um estatuto ou codificação que trata do universo mais específico vinculado ao tratamento social e legal que deve ser oferecido às crianças e adolescentes de nosso país, dentro de um espírito de maior proteção e cidadania decorrentes da própria Constituição promulgada em 1988.

Considerando que a escola deve ter como objetivo garantir a qualidade de vida de sua clientela, bem como promover a cidadania, urge capacitar professores para enfrentarem essa difícil questão[...]. Entretanto, para delinear um programa que possa capacitar tais profissionais, parece ser necessário conhecer primeiramente qual o universo de informação que os professores detém acerca dos conhecimentos básicos[...], a legislação que envolve o tema e os direitos da criança. (BRINO E WILLIAMS, 2003, p.115)

Porém, antes que o professor venha comunicar às autoridades competentes que seu aluno sofre algum tipo de violência, ele precisa estar capacitado para reconhecer essas formas de violência e também tenha uma sensibilidade para lidar com esse tipo de problema. Essa capacitação deve ser adquirida durante o período de formação docente, portanto, faz-se necessário nas universidades disciplinas que abordem sobre violência doméstica e suas dimensões e também logo após sua formação é importante o docente procurar fazer especializações sobre o assunto.

Mas o que podemos observar é medo por parte do professor em se envolver, Mariza Silveira Alberton (2005, p. 101-102) afirma

[...] professores e professoras deste nosso Brasil brasileiro, lembrai-vos que muito mais do que “transmissores de conhecimento”, precisamos ser educadores! E o educador é aquele que conhece, que acolhe que compreende que é sensível e solidário. Que ama! Que protege, que respeita, que ajuda a crescer que acima de tudo acredita na palavra da criança e tudo isso é indispensável para o professor perceba uma situação de violência vivida pelo educando na família ou na comunidade e, a partir daí , possa agir com determinação para protegê-lo e ampará-lo.

Para tanto, torna-se necessário que o educador ultrapasse os limites geográficos da escola para que se possa valer o direito da criança, não que ele deva assumir o papel de pai ou mãe, mas tenha consciência de que a educação não é neutra e refletir que a negligência também é uma forma de violência. A esse respeito Freire (1996, p.103), afirma

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. [...] Sou professor a favor da liberdade [...] sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação [...] Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo.

Ser professor está além do ensino metódico, pois isso pode dificultar a relação professor-aluno e interferir também no processo ensino aprendizagem. O docente precisa “descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade” (FREIRE, 1996) e que a partir do momento em que se torna um ser metódico passa a ser mais amargurado, triste e desinteressado pela prática docente. Deve procurar entender o aluno e não criticá-lo, sempre incentivá-lo a participar das atividades escolares e também a se sociabilizar com outras crianças e os membros da escola, “minha presença de professor, que não pode passar despercebida aos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política, enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções” [...] (FREIRE, 1996).

Por isso, é importante que sejam desenvolvidas atividades para que se possa construir a autonomia dessas crianças, procurando saber quem são os alunos, como estão e onde vivem, procurando resgatar valores, estando sempre alerta para que no momento oportuno possa intervir e com isso diminuir as seqüelas deixadas pela violência.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa tem caráter descritivo e exploratório com abordagem qualitativa, por conseguinte, buscando um melhor entendimento sobre violência doméstica, foram realizados alguns estudos com base em autores que abordam a problemática. Minayo afirma quanto à pesquisa qualitativa que

Desenha-se no universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, entendendo esse conjunto de fenômenos humanos como parte da realidade social, e, considera que o ser humano se distingue não só por suas ações, mas também reflete e interpreta seus atos no contexto da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes. (MINAYO, 2008, p. 21)

Procurando atingir o objetivo geral desta pesquisa, que seria analisar como o educador atua no ambiente escolar diante de casos de violência doméstica ocorrida contra crianças, o local escolhido para o desenvolvimento do trabalho foi na escola municipal Centro Educacional Maria Gil de Medeiros que funciona no prédio do antigo CAIC (Centro de Atenção Integral a Criança e o Adolescente) e SESI (Serviço Social da Indústria), localizada no bairro Parque de Exposição, na cidade de Picos Piauí, os atuantes dessa pesquisa foram professores do ensino fundamental I.

Para a realização desse estudo foram utilizados questionários contendo 5(cinco) questões abertas, sendo este um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito[...]. E por se tratar de questões abertas [...] permitirá ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Primeiramente contatei o coordenador da escola para ter permissão de realizar a pesquisa com os professores e logo em seguida o mesmo acompanhou-me de sala em sala para a entrega dos questionários. Essa entrega foi realizada nos turnos manhã e tarde.

No ato da entrega dos questionários foi explicado aos professores o objetivo da pesquisa, ressaltando-lhes que não estava sendo medido o conhecimento dos mesmos sobre violência doméstica e sim a importância da contribuição deles para o andamento da pesquisa.

Durante esse processo houve relutância por parte de alguns professores, pois disseram que não gostavam de responder questionários, o que dificultou o recolhimento dos instrumentos. Todo o processo para recebê-los durou cerca de duas semanas, sendo que dos

onze professores atuantes na escola no ensino fundamental, apenas oito responderam os questionários, enquanto os outros três não responderam e muito menos entregaram.

Em relação aos professores que responderam os questionários, temos o seguinte perfil: 6(seis) professores do sexo feminino e 2(dois) do sexo masculino; a faixa etária está entre 24 (vinte e quatro) e 55(cinquenta e cinco) anos; 6(seis) professores possuem formação superior e, dentre eles, 3(três) possuem pós-graduação, 2(dois) preferiram não se identificar; 7 (sete) desses professores atuam nas séries de 1° ao 5° ano, 1 (um) deles não quis se identificar.

Em relação às disciplinas que lecionam, todos são polivalentes (ensinam todas as disciplinas), mostrando que por se tratar de um turno completo, passam maior tempo com seus alunos. As perguntas que compunha o questionário respondido pelos 8(oito) professores, buscaram o seu entendimento sobre violência doméstica e sua atuação diante de crianças que sofrem violência doméstica.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Analisando os questionários respondidos pelos oito professores e refletindo sobre o tema abordado nesse trabalho, podemos perceber em algumas respostas, a importância do estudo sobre a violência doméstica contra crianças e atuação do professor no que diz respeito às crianças que sofrem esse tipo de violência. Para preservar a identidade dos professores eles serão representados nas análises por letras.

**Quadro 1** – Concepção dos docentes a respeito do conceito de Violência Doméstica

Professores	Respostas dos questionários
Professor A	É a agressão psicológica e física cometida contra qualquer indivíduo dentro das famílias.
Professor B	São agressões praticadas dentro do ambiente familiar.
Professor C	É a violência praticada dentro de casa, por indivíduos com algum grau de parentesco.
Professor D	Aquela causada por familiares, onde a criança sofre maus tratos no seio familiar.
Professor E	Todo tipo de violência praticada por membros de uma família, que vivem debaixo do mesmo teto. Pode ser: física, sexual, moral, psicológico ou matrimonial.
Professor F	É a violência causada no seio familiar, por pessoas que possuem vínculo ou parentesco.
Professor G	Algo que acontece intrínseco e/ou extrínseco dentro de casa.
Professor H	A violência doméstica é na nossa sociedade um fato grave, isso se dá por conta de uma cultura machista que oprime e menospreza principalmente a mulher que é tratada como objeto.

Fazendo a análise das repostas obtidas sobre o entendimento dos professores em relação à violência doméstica, podemos perceber que as respostas dadas por 4(quatro) professores aproximaram do conceito de violência doméstica apresentado no referencial teórico descrito na pesquisa. Apenas o professor A atribuiu o termo “agressão” para se referir aos tipos de violência, abordando apenas que essa violência ocorre dentro de casa. Já os professores G e H demonstraram não ter conhecimento sobre o que é violência doméstica, referindo-se ao referido tema apenas como “algo” ou “fato grave”. Destes dois docentes, um deles chegou até mesmo mencionar “a mulher que é tratada como objeto” na sua resposta.

O próximo quadro diz respeito aos sinais que o professor pode identificar na criança que o levem a suspeitar que ela sofre algum tipo de violência no seu lar. Ou seja, de acordo

com a sua experiência diária em sala de aula e na escola como um todo, como identifica que as crianças vêm sofrendo maus tratos em casa.

**Quadro 2** – Sinais que identificam suspeitas de maus tratos contra a criança

<b>Professores</b>	<b>Respostas dos questionários</b>
Professor A	O comportamento da criança é sempre um sinal de que a mesma está sendo violentada. Pelo que observei em sala de aula, o menino se comporta mais agressivo, enquanto a menina muito quieta e introspectiva.
Professor B	Através do comportamento que pode se manifestar em vários níveis (isolamento, ou ser violento) e ainda marcas deixadas no corpo pelo agressor.
Professor C	Marcas no corpo, tristeza, isolamento, agressividade, mudança de comportamento, problemas de relacionamento com os colegas, mau desempenho escolar e dificuldade de aprendizagem não atribuída a problemas.
Professor D	Se for retraído demais, não gostar de ser tocada, ter medo de ser alertada para chamar os pais a virem na escola, se assustar com facilidade.
Professor E	Observei um caso este ano/2016, de um aluno que repentinamente mudou o comportamento e, demonstrou desânimo e falta de atenção e interesse pelas aulas principalmente, nas explicações do professor em relação ao conteúdo ministrado.
Professor F	Pela mudança de comportamento, atitudes. Quando o aluno é sempre sozinho, calado, quieto, muito sensível e choroso
Professor G	A criança iria apresentar um comportamento diferente como raiva, vergonha e insegurança.
Professor H	A partir do olhar clínico do docente em aula.

Nesse quadro a maioria das repostas apontaram alguns comportamentos citados anteriormente por Azevedo e Guerra (2000), como a quietude, marca corporal, tristeza, medo, insegurança, vergonha, desatenção e etc. Dentre esses comportamentos o mais mencionado foi à agressividade, o que evidencia que crianças que passam por violência doméstica costumam reproduzir esse tipo de violência. De acordo com Guerra (2001, p. 47)

A punição corporal treina a criança a aceitar e tolerar e tolerar a violência na medida em que tais atos feitos pelos adultos destinam-se a ensinar obediências e submissão. Os sentimentos associados com tal punição de angustia raiva ansiedade, medo, terror o ódio hostilidades estão dentro dos 23 relacionamentos domésticos dos adultos que foram espancados quando crianças.

**Quadro 3** - Providências que os professores tomam diante de casos de crianças que sofrem violência em casa

<b>Professores</b>	<b>Respostas dos questionários</b>
Professor A	Deve primeiramente tentar conversar com a criança, entender o que se passou e após isso conversar com a direção da escola e vê quais medidas devem ser tomadas.
Professor B	Repassar o caso para a direção, buscar ajuda profissional (psicológica, psicopedagogo).
Professor C	Informar a direção da escola (diretor, coordenador) para encaminhar ao conselho tutelar.
Professor D	Informar ao conselho escolar e depois procurar o conselho tutelar e ver medidas cabíveis para solucionar o problema.
Professor E	Particularmente, penso que seria estreitar o relacionamento com a família do aluno e, tentar através do diálogo resolver ou amenizar a situação, até o ponto onde couber a sua atuação.
Professor F	Primeiro chamar a família para conversar com o professor, coordenador e direção. Segundo oferecer ajuda psicológica para a família, não cessando encaminhar para o conselho tutelar, ou caso for preciso informar ao promotor.
Professor G	Chamaria os pais para uma conversa, para aconselhá-los a mudar sua conduta; caso se repetisse a violência comunicaria o caso comunicar às autoridades.
Professor H	Comunicar ao conselho escolar e ao conselho tutelar.

De todas as respostas dadas “comunicar a escola” foi a que mais se repetiu, seguida de “chamar os pais do aluno para conversar”. Comunicar ao conselho tutelar apareceu entre as respostas, atitude essa que aconteceria depois que o caso fosse comunicado a escola. Apenas o professor A respondeu que “primeiramente chamaria o aluno para conversar”.

De acordo com as respostas dadas percebemos que a primeira atitude dos professores diante do problema é comunicar primeiramente a direção da escola, mostrando assim que o docente tem medo de agir sozinho, por conta disso ele procura a direção como suporte, para assim dividir e compartilhar responsabilidade. Assim, tendo a equipe escolar como parceiros para dividir e partilhar responsabilidades irá ajudar o docente a lidar com a situação, pois ele verá que não está sozinho e que pode pedir ajuda para que se possa encontrar parceiros nessa caminhada e assim ajudar essa criança.

As respostas dos professores F e G, traz uma certa inquietação, pois se realmente a criança estiver sofrendo violência no lar, essa atitude de chamar o(s) agressor(es), poderá colocá-la em situação de risco, podendo haver retaliação. A partir da análise dessas respostas nos vem à mente que seria mais prudente como atitude inicial do professor chamar o aluno para que com isso venha a confirmação se ele está ou não sofrendo violência por parte da sua família ou de qualquer outro agressor. Portanto, faz-se necessário a presença de um psicólogo

na escola, para que o professor possa encaminhá-lo a esse psicólogo para que faça a abordagem com esse aluno e assim poder tomar as providências cabíveis, como dito anteriormente pelo professor A.

**Quadro 4** - O que a escola poderia fazer para ajudar essas crianças que sofrem esse tipo de violência

<b>Professores</b>	<b>Respostas dos questionários</b>
Professor A	Deve buscar informação na criança e nos pais que comprove o ocorrido e, após isso deve-se fazer uma denúncia. A escola jamais pode ficar omissa em casos graves como esse. Infelizmente é isso que acontece segundo minha experiência.
Professor B	Conversar, tentar descobrir as causas, relacionar encontros nas escolas abordando o devido tema (assunto) e conversar com a família.
Professor C	Encaminhar para o psicopedagogo o aluno e a família.
Professor D	Informar o órgão competente e prestar o apoio necessário a criança tanto no seu dia a dia na escola como no que for preciso durante o processo.
Professor E	Acho que deveria buscar junto aos órgãos competentes apoio de profissionais experientes, tais quais: assistentes sociais, psicólogos, psicopedagogos e etc., para interferir na causa até onde se puder chegar.
Professor F	Debater o assunto, informar o caso aos órgãos competentes, como o conselho tutelar e etc., além de indicar psicólogo, haja vista que os postos de saúde têm esse serviço.
Professor G	Comunicar as autoridades (conselho tutelar) sobre os casos de violência que forem confirmados.
Professor H	Providenciar atuar junto ao conselho tutelar local.

Com base nas respostas dadas, o professor A mencionou sobre sua experiência, para ele a escola foi omissa em relação a casos de violência doméstica, nos remetendo a uma realidade que foi citada no decorrer do trabalho, realidade essa em que a escola tem medo de se envolver nesses casos.

Apesar de se tratar de docentes da mesma escola algumas respostas revelam a importância de a escola comunicar aos órgãos competentes, seguindo assim a determinação dada pelo ECA em seu artigo 13 (lembrando que nessa determinação do ECA o professor é penalizado se não cumprir o que é estabelecido na lei), bem como apoiar e ajudar essa criança com suporte de um profissional psicólogos, psicopedagogos e etc.

Um dos professores abordou também a inserção do tema na escola através de encontros na casa da família, para que assim haja a ponte entre escola e família no combate a violência e ajuda às crianças.

Lendo as respostas dadas, ficou evidente que muitas atitudes adequadas e corretas são defendidas pelos docentes, mas que estão na maioria dos casos apenas no papel, pois de acordo com a minha realidade e vivência enquanto ex-estagiária de escola pública em Picos e moradora do bairro em que a escola está inserida, diversas vezes me deparei com crianças que viviam em condições de violência por parte dos cuidadores, e que os seus professores tinham consciência dessa realidade, mas não sabiam o que fazer, uma vez que simplesmente tinham medo de se envolver e se tornavam omissos e enquanto isso a criança continuava como refém de adultos perversos em seus lares.

**Quadro 5 – Influências na aprendizagem da criança que sofre violência doméstica**

<b>Professores</b>	<b>Respostas dos questionários</b>
Professor A	De várias formas: dificuldade de participação, falta de desenvolver atividades e muitas vezes isolamento.
Professor B	A criança que é constantemente agredida, humilhada, acaba por internalizar esse tratamento enxergando-se como merecedora de tudo e, conseqüentemente terá uma baixa auto-estima, insegurança e sentimento de incapacidade de aprender. Os sinais que ela pode dar: dificuldade de concentração, agitação e agressividade.
Professor C	No seu desenvolvimento cognitivo, seus relacionamentos interpessoais, atenção, tudo isso afeta diretamente no aprendizado.
Professor D	Como disse anteriormente o comportamento é afetado e provavelmente o aluno logo demonstra o desinteresse pela aprendizagem e, como resultado disso, logo aparece o fracasso no rendimento quantitativo do referido (notas baixas, até reprovativas).
Professor E	Introspecção, individualismo, agressividade, são alguns sinais e a violência afeta em baixo rendimento escolar, baixo estima, pessimismo, desanimo, complexo de inferioridade, não participação das atividades coletivas. Fator relevante: a criança que sofre violência em casa, ela não quer que termine a aula, não quer entrar de férias, quando termina a aula ela fica nas dependências da escola no meio da rua.
Professor F	Acredito que a criança ficaria mais dispersa, desatenta e suas notas e atividades baixariam o nível.
Professor G	De varias formas: falta de atenção, comportamento agressivo, alienação, atitude opressiva.
Professor H	Não respondeu.

As respostas demonstram que os professores tem a consciência de que seus alunos sofrem violência doméstica e que essa violência afeta a criança como um todo, pois ela fica mais dispersa, desatenta, agressiva, mais tímida e conseqüentemente esses comportamentos irão afetar e interferir na sua aprendizagem. Os docentes reconhecem que há alteração no comportamento dessa criança e as conseqüências da violência sofrida. Os professores também mostram por meio de suas respostas que tem conhecimento que esses sinais são indicadores que a criança sofre violência através desses comportamentos e atitudes confirmando o que foi dito anteriormente por Guerra e Azevedo

Desconfiança exagerada, medo excessivo; mudanças abruptas e freqüentes de humor; comportamento agressivo, destrutivo, ou passivo, submisso; choro excessivo; problemas de relacionamento com colegas; tentativa de suicídio, depressão, pesadelos, sono perturbado; mau desempenho escolar; dificuldades de aprendizagem não atribuída a problemas físicos.  
(AZEVEDO; GUERRA, 2001)

Portanto, esses comportamentos atuam como fatores que ajudarão o professor a identificar se o aluno sofre violência doméstica e a partir daí tomar as providências necessárias para ajudar essa criança.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou entender a forma como alguns professores atuam diante de casos envolvendo crianças que sofrem violência doméstica, bem como compreender os preceitos previstos no ECA e também a importância do docente estar sempre atento a tudo que se passa ao seu redor, incluindo o seu compromisso com a educação, entendendo que a violência em casa contra a criança existe sim, e que possui várias formas e encontra-se presente no nosso cotidiano.

No decorrer da pesquisa foi esclarecido que a violência doméstica baseada nos estudos de Guerra; Azevedo (2001) é praticada por membros da família em casa, podendo deixar marcas físicas e psicológicas na criança.

As análises mostraram que os professores aparentam saber o que é a violência doméstica contra criança e também conseguem identificar de certa forma se o educando sofre essa violência. Os docentes mostram ciência da importância que é denunciar os agressores e ajudar essas vítimas de violência. Contudo, senti certa aflição em relação aqueles educadores que chamam primeiramente os pais para conversar, pois embora a ação do professor seja ajudar essas crianças ele não está preparado para lidar com a situação.

Em vista disso, esse estudo mostrou que é essencial a preparação desses docentes, durante o seu período de formação na universidade e, por conseguinte a sua capacitação para lidar com essas crianças para que assim possa se evitar que a violência doméstica deixe marcas na vida dos alunos.

Vimos no decorrer do trabalho com o estudo de alguns teóricos e no depoimento dos professores que a violência no lar afeta o desenvolvimento da criança e a sua vivência em sociedade, para tanto, faz-se necessário que essa problemática seja levada a sério e não passe despercebida pelas instituições de ensino.

Essa pesquisa, não buscou mostrar de forma conclusiva como o professor deve agir e que providências deve tomar a respeito da violência doméstica e que nem sempre crianças que tem comportamentos diferentes ou déficit de aprendizagem podem estar ligados a violência em casa, mas sim alertar e possibilitar mais discussões e estudos sobre o tema e também mostrar que a violência doméstica pode sim ser um obstáculo no desenvolvimento social e cognitivo da criança. O professor deve estar sempre alerta, e não somente agir como um simples transmissor de conhecimento, refletindo assim sobre a sua prática docente.

Por fim, quero externar meu desejo de que esse trabalho contribua de forma positiva para a formação de futuros docentes que precisem de um suporte para entender sobre a sua

atuação diante de violência doméstica infantil, pois como foi dito anteriormente depois da sua casa o local onde o aluno passa a maior parte do tempo é a escola. Portanto, não poderia deixar de mencionar a carência de estudos voltados para essa temática tão importante, pois existem poucas pesquisas voltadas para essa problemática o que dificultou o desenvolvimento deste trabalho e por meio deste vejo a oportunidade de interesses por mais pesquisas e amplitude desse tema.

## REFERÊNCIAS

ALBERTON, Mariza Silveira. **Violação da infância crimes abomináveis humilham, machucam, torturam e matam!** Porto Alegre (RS): AG, 2005.

ANDRADE, Anderson Pereira de. Violência doméstica contra crianças e adolescentes. Prevenção, repressão e proteção à vítima no âmbito brasileiro e latino-americano. Artigo publicado na **Revista de Informação Legislativa, número 160**, outubro/dezembro de 2003, e nos Cadernos de Direito da Criança e do Adolescente, ABMP-UNICEF, número 3, 2004.

ARAÚJO, Pâmela Vieira; FERREIRA, Carla Lizandra de Lima; PEREIRA, Adriana Dall'Asta; RANGEL, Rosiane Filipin. Espaço Escolar: O professor frente à problemática da criança em situação de violência. **Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.** | v.14, n.2, p 129-37 | Dezembro 2014.

AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil.** São Paulo: Editora iglu, 2001.

BEE, Helen. **O ciclo Vital.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRASIL. Decreto-lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e adolescente.** Disponível em: <[http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca\\_L8069.pdf](http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca_L8069.pdf)> Acesso em 25 de outubro de 2016.

BRINO, R. de F. & Williams, L. C. A. (2003). Concepções das Professoras Acerca do Abuso Sexual Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, 119, 113-128.

BRITO, Ana Maria. et AL. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção., **Ciênc. saúde coletiva vol.10** no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232005000100021](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100021)> Acesso em 19 de setembro de 2016.

CAVALCANTI, Stela Valéria Soares de Farias. **Violência Doméstica contra a mulher no Brasil.** ed. Podivm . 2ª ed. Salvador, Bahia, 2008.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

FIGUEIREDO, Mônica Cavalcanti Trindade de. **Percepções de educadores sobre seu papel frente à violência doméstica contra a criança** / Mônica Cavalcanti Trindade de Figueiredo. – Recife: O Autor, 2011. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CCS. Saúde da Criança e do Adolescente, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUERRA, Viviane N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada.** 7ª Ed São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, Viviane; Azevedo, Maria Amélia. **Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder.** SP: Iglu, 1989.

GUERRA, Viviane; Azevedo, Maria Amélia. **Infância e Violência Fatal em Família.** SP: Iglu, 1998.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; Coelho, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem.** 12.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LIMA, Joice. **Violência doméstica: influência no desenvolvimento biopsicossocial e no processo de aprendizagem de quem a sofre.** Interletras, volume 3, Edição número 18, outubro 2013/março.2014.

LOPES, Kátia de Conto. TORMAN, Ronalisa. **O abuso sexual e a inclusão momentânea: as consequências no processo de aprendizagem.** Rev. Psicopedagogia, 2008; 25(77): 132-138.

MAHONEY, Abigail Avarenga; Almeida, Laurinda Ramalho de. Afetividade processo ensino- aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, p. 11-30, jun. 2005.

MELDAU, Débora Carvalho. **Síndrome de Münchausen.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/doencas/sindrome-de-munchausen/>> Acesso em 10 de março de 2017.

MINAYO MCS, organizadora. **Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde.** Rio de Janeiro: ABRASCO; 2001.

MS (Ministério da Saúde) 2001. Portaria do Ministro de Estado da Saúde nº 1.968/737 MS/GM. *Diário Oficial da União* nº 96, Brasília.

PIRES, A. L. D.& Miyazaki, M. C. O. S. (2005). **Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde.** ArqCiênc e Saúde. jan-mar. Santos HO 1991. *Crianças violadas.* CBIA-CRAMI, Brasília.

SANTOS, L. E. S.; FERRIANI, M. G. **A violência familiar no mundo da criança de creche e pré-escola.** Revista Brasileira de Enfermagem. v.60, n. 1. mar. 2007. p. 524-529. Disponível em: < [www.scielo.com.br](http://www.scielo.com.br) > Acesso em 30 de outubro de 2016.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria da Saúde. **Caderno de violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes.** Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS, 2007. Disponível em: [www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/crianca/Adolescente.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/crianca/Adolescente.pdf) Acesso em 11 de setembro de 2016.

SILVA, Carla Gomes da. A violência doméstica e sua influência na aprendizagem: um estudo Exploratório no centro de integração familiar (ceifar). **Revista Tarrafa do Nupe**

(Núcleo de Pesquisa e extensão) do DEDCI. Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.uneb.br/tarrafa/files/2012/10/A-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-E-sua-influ%C3%Aancia-na-aprendizagem.pdf>> Acesso: em 20 de novembro de 2016.

SILVA, Gisele Sampaio. **Hematoma subdural: sintomas, tratamentos e causas.** Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br/saude/temas/hematoma-subdural>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

SILVA, Michele Vargas da. **A violência doméstica contra criança: histórias e contextos.** 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2013.

SILVA, Vanderler Ferreira. **Estatuto da criança e do adolescente.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/direito/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/>> Acesso em 11 de outubro de 2016.

MINAYO, M.C.S. **Trabalho de campo: Contexto de observação, interação e descoberta.** DESLANDES, S.F; GOMES, R. Pesquisa Social. 27. ed. Petrópolis: Vozes. 2008. p.61-77.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

**APÊNDICE DO QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI- CSHNB  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA****QUESTIONÁRIO**

Prezados Professores/as:

Com o objetivo de analisar como o professor atua diante de casos de violência doméstica, pedimos a sua colaboração para o preenchimento deste instrumento de pesquisa, pois o mesmo servirá como fonte de coleta de dados para um estudo monográfico que é requisito final para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (CSHNB/UFPI), o mesmo está sendo realizado sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Renata Gomes Monteiro.

Pedimos, por gentileza, o completo preenchimento deste questionário, lembrando que não há respostas certas ou erradas e o seu conhecimento não será medido, apenas necessitamos de informações que possam contribuir para a análise sobre como a violência doméstica afeta a aprendizagem das crianças. Estamos disponíveis para orientá-lo diante de alguma dúvida sobre alguma questão.

Obrigada por ter dedicado tempo e interesse em responder este instrumento.

Atenciosamente,

Bianca Oliveira Ribeiro Nascimento

(Acadêmica do 10º bloco do Curso de Pedagogia)

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup> Renata Gomes Monteiro

(Orientadora)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI- CSHNB**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**QUESTIONÁRIO**

IDENTIFICAÇÃO: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

SEXO: ( ) Masculino

( ) Feminino

FORMAÇÃO INICIAL: \_\_\_\_\_

FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO: \_\_\_\_\_

AREA DE ATUAÇÃO (SÉRIE QUE DÁ AULA E A DISCIPLINA):

\_\_\_\_\_

PARA QUANTAS TURMAS DÁ AULA? \_\_\_\_\_

TURNO: \_\_\_\_\_

1. O que você entende por violência doméstica?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. De acordo com sua experiência diária em sala de aula e na escola como um todo, como identificaria ou suspeitaria que alguma criança vêm sofrendo violência em casa?

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

3. Que providências você considera que um professor deve tomar diante de casos de crianças que sofrem violência em casa?

---

---

---

---

---

4. E O que a escola poderia fazer para ajudar essas crianças que sofrem esse tipo de violência?

---

---

---

---

---

5. Como você imagina que a aprendizagem da criança que sofre violência doméstica pode ser afetada? Que sinais ela pode dar de que está com problemas na escola por conta da violência que sofre no lar?

---

---

---

---

Muito Obrigada!



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Bianca Oliveira Ribeiro Nascimento,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Violência doméstica infantil e o papel social  
do professor.  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 27 de Abril de 2017.

Bianca Oliveira R. Nascimento  
 Assinatura

Bianca Oliveira R. Nascimento  
 Assinatura